

Fazer penitência pela paz

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

A Quaresma é tempo propício para a penitência, uma vez que nos abre e nos dispõe para a conversão que nos pede a Igreja neste tempo litúrgico. Em momentos como os que estamos vivendo, com o terror da guerra abatendo-se não somente sobre o mundo senão também sobre nossa cidade, toma ainda mais sentido o exercício da penitência.

No entanto, em nossos tempos modernos e mesmo pós-modernos, somos levados a nos questionar sobre o sentido de mortificar o corpo e o sentimento. Na impotência em que nos encontramos diante destes horríveis e sangrentos conflitos, nos perguntamos em que consiste a penitência e se ela pode realmente ajudar a que a violência cesse e a paz se faça.

João Paulo II, em sua encíclica *Reconciliatio et Paenitentia*, nos diz que penitência significa “*o esforço concreto e cotidiano do homem, amparado pela graça de Deus, por perder a própria vida, por Cristo, como único modo de ganhá-la: esforço por se despojar do homem velho e revestir-se do novo; por superar em si mesmo o que é carnal, para que prevaleça o que é espiritual; e esforço por se elevar continuamente das coisas de cá de baixo para as lá do alto, onde está Cristo.*”

A dor interna pelos pecados próprios e alheios unida ao desejo de unir-se a Jesus Cristo em seu sacrifício salvífico leva o cristão a buscar uma ascese do corpo e do espírito, a fim de reparar e superar o mal que vai fazendo seu trabalho predatório e transformando em morte o sonho de vida do Criador.

No entanto, “*fazer penitência, diz o Santo Padre, só será algo autêntico e eficaz, se se traduzir em atos e gestos de penitência.*” E esta penitência externa traduzida em atos também deve vir acompanhada da dor interna, com o desejo de emenda própria e salvação dos outros e do mundo.

A prática da penitência nos faz experimentar a inefável graça de nos assemelharmos a Jesus Cristo. São Paulo diz: “*Completo em mim o que falta à Paixão de Cristo.*” Cristo sofreu como Cabeça do Corpo Místico, que é a Igreja. E nós, seus membros, somos chamados a participar também de seus sofrimentos, a fim de poder dizer como o apaixonado Paulo de Tarso: “*Com Cristo cravado estou na Cruz.*” E esperar assim colaborar no processo de salvação da humanidade que mergulhada em contínua discórdia, não consegue encontrar o caminho para a reconciliação.

A prática da penitência nos lembra ainda que a santidade cristã não se dá na tranquilidade e no repouso. Optar por Jesus significa aventurar-se por uma estrada onde está de atalaia não a paz, mas a espada (Mt 10,34-36). O discípulo deve saber que a palavra de Jesus é um fogo e que caminhar no seu encaço provoca conflitos e divisões. Há na espiritualidade cristã algo de dramático. O que é pedido supera as forças humanas. E no entanto, o ser humano se vê inexplicavelmente capacitado por esse Outro mesmo que o chama a dar a esse chamado uma resposta que ele mesmo sozinho não teria forças para dar. A exigência é

precedida pelo dom e pela graça, não tirando nada, porém, da gravidade do seu radicalismo. O que está em jogo quando se fala de vida espiritual e santidade é a vida ou a morte, a salvação ou a perdição. E dessa alternativa radical nenhuma categoria de cristão está excluída.

No entanto, essa vocação e essa espiritualidade, como tudo que diz respeito à vida cristã, não podem ser vividas solitariamente. O cristão é necessariamente um **solidário**. E se por um lado experimenta que o mal por ele produzido com o pecado é difusivo e deslança um processo de espiral que vai atingir a outros além dele, por outro, sente também e não menos que os outros seus irmãos são não só seus companheiros de jornada, como também sua condição mesma de possibilidade de viver o ideal proposto pelo Evangelho.

Dogma de fé hoje um tanto esquecido, a **comunhão dos santos** é a condição mesma de que ainda possa haver santidade no mundo. Assim como só se peca porque se é precedido no mal, assim também a santidade é como um útero que recebe sempre mais e mais filhos, nutrindo-os da seiva vital que faz a própria vida da Igreja de Cristo. E para isso, a prática da penitência é elemento constitutivo. Onde um falha, o outro persiste; onde um desanima, o outro permanece na entrega; onde muitos desistem, um só é fiel e carrega em sua cansada mas vitoriosa fidelidade a fadiga dos irmãos que por sua vez o carregarão mais na frente, com sua oração, seu sacrifício, seu amor.

Quando muitos praticam a violência, o cristão é chamado a penitenciar-se construindo a paz, fazendo gestos explícitos de não violência ativa, estendendo a mão e arriscando a vida para mostrar que Deus é Pai e não quer que haja discórdia e matança entre irmãos.

A santidade exige a comunhão. E, em se tratando da comunidade eclesial, a santidade do clérigo supõe a do leigo; a santidade do bispo exige a entrega humilde e anônima da mãe de família; a santidade do profissional jogado nas fronteiras da tecnologia de ponta é devedora a não sei que obscura carmelita perdida no fundo de algum mosteiro; a santidade do religioso necessita da militância apostólica daqueles que, desde sua condição leiga, escolheram a política ou a luta sindical como lugar de expressão de vivência plena do Evangelho. E ainda: o pecado de alguns poderosos tresloucados de ambição que sacrificam vidas inocentes em nome de ambíguos objetivos requer a penitência dos mansos que, preferindo morrer a matar, são proclamados bem aventurados e possuirão a terra.

Nesta perspectiva, não há vida cristã que não seja consagrada. Mas o dinamismo espiritual cristão não se radica nas respostas humanas, e sim no dom de Deus e na economia da redenção que transforma **tudo** em graça e em ação de graças e tece como precioso cipoal o que existe de santidade em cada humilde e obscura vida para formar a figura do Reino que deseja ver realizado neste mundo.

Fazer penitência pela paz no mundo e no Rio de Janeiro e nas capitais brasileiras é, portanto, um dos grandes chamados a nós dirigidos nesta Quaresma.